
“Si el cielo existe, se llama Perú”

[*Crónicas Migrantes*,
Museo de Arte Contemporáneo de Lima]

Luiz Sérgio de Oliveira (Universidade Federal Fluminense, Brasil) ¹

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i35.40482>

A conquista imperial empreendida pelos europeus nos territórios da hoje América Latina, ainda no despertar da modernidade no século XVI, definiu, por um período longo, o destino de um extenso processo migratório de ocupação e de colonização que deixou suas marcas – para o bem e para o mal – nas artes, na cultura e na vida social dos povos que habitavam e que habitam esses territórios; “esses imigrantes, fundamentalmente europeus do sul do continente, dominaram a cena migratória por muitas décadas”, conforme relatório da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), aos quais se juntaram “as populações africanas como produto do sistema de escravidão vigente até o século XIX, [além de] asiáticos (principalmente japoneses e chineses) e, em quantidade menor, imigrantes de outras regiões (como o Oriente Médio)”. (CEPAL, 2019, p. 9)

397

¹ Luiz Sérgio de Oliveira é professor titular do Departamento de Arte e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense. É pesquisador integrante do Grupo de Estudio sobre Arte Público en Latinoamerica (GEAP-Latinoamérica). E-mail: luizsergiodeoliveira.br@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8616-5089>

Recentemente, as mudanças nos eixos norteadores da economia capitalista global, com a recuperação econômica de países europeus e a centralidade dos Estados Unidos a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, trouxeram “uma notória reviravolta nas últimas décadas, quando ficou claro que a América Latina se tornara fonte de emigração. Depois dos anos 1990 e agora nos anos 2000, essa realidade se transformou em uma característica da região”. (CEPAL, 2019, p. 9)

De acordo com dados do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), 195 milhões de pessoas viviam fora de seus países de origem em 2009, o que corresponde a 3% da população mundial, taxa que tem surpreendentemente permanecido nos mesmos patamares, de acordo com o relatório do PNUD:

A taxa de migrantes internacionais entre a população mundial tem-se mantido notavelmente estável em cerca de 3% nos últimos 50 anos, embora se pudesse esperar, dada a existência de determinados fatores, um aumento no fluxo. As tendências demográficas – a saber, uma população envelhecida nos países desenvolvidos e populações jovens, em crescimento, nos países em desenvolvimento –

e as crescentes oportunidades de emprego, aliadas a comunicações e transportes mais baratos, fizeram aumentar o desejo de migração. No entanto, aqueles que procuram migrar têm encontrado cada vez mais obstáculos [ao seu deslocamento] em virtude das políticas dos governos. (PNUD, 2009, p. 2)

Os principais destinos dos fluxos migratórios contemporâneos são os Estados Unidos, Canadá, Japão, Austrália e países da União Europeia. Dos 195 milhões de desterrados, 39 milhões residiam em 2009 nos Estados Unidos. (PNUD, 2009)

Ao lado da emigração extrarregional e da histórica imigração ultramar, a imigração intrarregional é um fenômeno de destaque nos fluxos de gentes na América Latina: “com várias nuances dependendo do país em questão, a emigração intrarregional tem sido a característica dominante da migração internacional na América Latina a partir da segunda metade do século XX. (Martínez Pizarro; Rodríguez, 2017 apud CEPAL, 2019, p. 10) Neste cenário, o passado recente tem presenciado a emigração maciça de haitianos e venezuelanos para países da América do Sul. De acordo com dados recentes do censo demográfico chileno (2017), os mais atualizados da década de 2010 utilizados pe-

la pesquisa da CEPAL, quase 80 mil pessoas nascidas venezuelanas foram computadas como residentes no Chile no censo de 2017. Desse total, quase 99% chegaram ao Chile depois de 2009 e 73% entre 2016 e abril de 2017 (CEPAL, 2019, p. 11).

Crônicas Migrantes no MAC Lima

Em torno do fenômeno do processo migratório recente da população venezuelana, “o maior êxodo da história da região e uma das maiores crises de deslocamento do mundo”, e das trocas culturais de longa data com o povo peruano, o Museu de Arte Contemporânea de Lima (MAC Lima) organizou a mostra *Crônicas Migrantes. Historias comunes entre Perú y Venezuela* [*Crônicas Migrantes – histórias comuns entre Peru e Venezuela*], com a proposta de “pensar sobre esse fenômeno migratório a partir das práticas da arte contemporânea”. Com curadoria de Fabíola Arroyo, a mostra reuniu trabalhos de mais 30 artistas peruanos e venezuelanos¹, apresentando livros de artista, vídeos, objetos, colagens, tapeçaria, instalação sonora, entre outros meios.

Já na chegada à exposição, a obra *Migración* (2019, Fig. 1) do artista venezuelano Juan José Olavarria (residente em Buenos Aires) parece estabelecer o tom da mostra, ou o tom emprestado pela curadoria à mostra: um mapa bordado em um tecido branco, um tanto translúcido, exposto sobre uma parede pintada de vermelho escuro, dá as boas-vindas ao visitante enquanto o convida a refletir sobre o trágico êxodo recente dos venezuelanos, suas razões e suas implicações. De acordo com o texto de divulgação da mostra,

Migración es un mapa de América del Sur bordado a mano por el artista sobre una tela intervenida. En este mapa aparece trazada, como una cicatriz, la ruta de “los caminantes”. Migrantes que se desplazan caminando desde Venezuela hasta el sur del continente, por el corredor migratorio andino, en el que hay un total de cinco pasos internacionales. La Venezuela democrática y de próspera economía rentista petrolera fue durante décadas un destino migratorio para gran número de ciudadanos de países como Colombia, Ecuador y Perú. Venezuela también acogió, en menor número, a exilados de Argentina, Chile y Uruguay, que huían de las dictaduras militares. Ahora, los tránsitos migratorios se invierten y millones salen del territorio venezolano. (MAC Lima, 2019, s/p.)



Fig. 1 - Juan José Olavarria, *Migración*, 2019.

Se à primeira vista somos tentados a ler o mapa como uma representação da geografia da América do Sul dos velhos livros escolares, percebemos logo em seguida que certas linhas bordadas pelo artista não são coincidentes com a história geopolítica da região, linhas que demarcam fronteiras dos estados-nações. Para além das linhas que contornam o encontro dos territórios sul-americanos com os oceanos que os margeiam, temos as linhas percorridas pelos “*camminantes*” em direção ao sul da América do Sul. Segundo dados da Dirección Nacional de Migraciones do Ministério do Interior argentino, 70.531 venezuelanos fixaram residência na Argentina apenas no ano de 2018, representando 31,7% do total de imigrantes estrangeiros que buscaram residência no país no período.

Avançando na mostra, Lin Belaúnde, artista romena radicada em Lima, Peru, apresenta a série *Paisaje migratorio* (2018, Fig. 2) composta de trabalhos realizados sobre cédulas monetárias peruanas e venezuelanas (respectivamente, *soles* e *bolívares*), nas quais a artista criou colagens digitais que embaralham ícones da natureza e da geografia de cada país em distintos tempos históricos, resultando em “una paisaje de apa-

riencia onírica [que] presenta una cordillera nevada, relámpagos, un árbol y animales en peligro de extinción”. (MAC Lima, 2019, s/p.) Para além da convergência entre moedas que se desvalorizaram vertiginosamente no passado recente, Peru e Venezuela têm um histórico extraordinário de trocas, de amizade entre seus nacionais e de acolhimento de suas populações em deslocamento, em especial dos peruanos, algo que parece encontrar reciprocidade diante da crise que se alonga no presente histórico venezuelano:

En el pasado la economía petrolera convirtió a Venezuela en uno de los principales destinos para la población peruana. Muy recientemente Perú se convirtió en el segundo país con mayor número de desplazados de Venezuela. Entre 2017 y 2018, el crecimiento interanual del ingreso de personas venezolanas al territorio peruano se incrementó en 400%. (MAC Lima, 2019, s/p.)

Contornando uma mesa comprida que abriga os livros de artista² da mostra *Crónicas Migrantes* nos espaços do MAC Lima (Fig. 3), podemos nos acercar da instalação sonora *El eterno retorno* (2012, Fig. 4) de José Luís Martinat, artista peruano residente em Gotemburgo, Suécia. *El eterno retorno*



Fig. 2 - Lin Belaúnde, *Paisaje migratorio*, 2018.

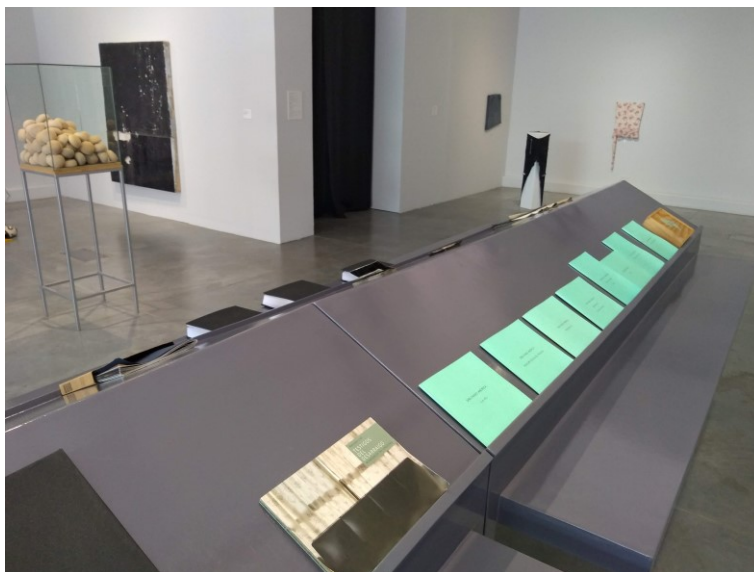


Fig. 3 - Vista parcial da exposição *Crônicas Migrantes*, MAC Lima



Fig. 4 - José Luís Martinat, *El eterno retorno*, 2012.

é uma obra sonora em sete canais que recorre à instalação de sete caixas de som suspensas sobre tripés à altura dos ouvidos dos visitantes, sete caixas de som organizadas em um formato de U aberto, como se pretendesse abraçar ou engolfar o visitante, como se pretendesse trazê-lo para o centro da obra. Das caixas emanam vozes masculinas e femininas em uma polifonia que trata da experiência da diáspora peruana, que tanto pode estar localizada em um país da Europa, nos Estados Unidos ou no Japão como em qualquer outra parte. Os textos lidos, narrados de forma relativamente simples, variam entre um ufanismo exacerbado e um ceticismo incontornável, marcados pela nostalgia, pela melancolia e por ressentimentos que inundam as vozes com *carajos* e *putas madres*, entre outros. Tratam da experiência dos que partiram na expectativa de um dia voltar – quem sabe –, assim como daqueles que foram para nunca mais. As vozes falam também da experiência dos que ficaram; daqueles que, por uma razão ou por outra, mesmo tendo visto muitos partirem, permaneceram no Peru. O material da obra foi coletado (e posteriormente processado pelo artista) nos comentários deixados no YouTube e/ou publicados em redes sociais sobre os vídeos musicais

Quando pienses em volver, de Pedro Suarez Vertiz; *Todos vuelven*, de Los Morochucos; e *Esta es mi Tierra*, de Augusto Polo Campos, artistas populares peruanos de diferentes épocas. Para ilustrar um pouco de *El eterno retorno*³, enfrentando as precariedades do transcrito, a seguir alguns trechos da polivocalidade presente da obra:

- Aguantó las lágrimas que se me salen. Respiro. Traté de recuperar algo de tranquilidad. Somos hermanos. ¡El pecho me revienta, todo bien! ¡Vamos progresando! A triunfar, peruanos ¡somos hermanos!

- ¡Me enfurezco, lagrimeo y respiro y me siento más peruano que nunca!

- Diablos, primo. ¡Me hiciste rodar unas lágrimas, que importa! Es porque quiero a mi Perú.

- ¡Bravo!

- No te preocupes, el Perú está esperando a todos sus hijos pródigos.

- Al Perú no vuelvo ni muerto!

- ¡Cállate, completo idiota! No sabes valorar lo que es el país. Si uno no ama al país que lo vio nacer es cómo no amarse a uno mismo. Suerte que no estás acá, porque el que ama a su patria la tiene que amar como eres, ¡y espero que nunca vuelvas a esta tierra prodigiosa llamada Perú!

- El Perú es realmente esplendoroso, grandioso, hermoso! Vamos abajo, arriba Perú por la puta madre a pesar de un traidor, un poder legislativo parásito, un poder judicial torbellinos jugadores tan hijos de puta, ¡vamos carajo! vamos puta madre!

- Los que vuelven son los que fracasan.

- ¡El Perú es mi tierra y estaré siempre dispuesta a defenderla con mi vida, con mi vida!

- Gente sin educación por todos lados, calles llenas de pandilleros. La televisión peruana es una cochinateda que promueve la estupidez. Allá en el sur, se quema la gente los colegios nacionales llenos de profesores incapaces; una discriminación extrema por parte de la clase alta. Somos una vergüenza en el deporte ya ni quiero hablar de los políticos y otras cosas que ni quiero acordarme.

- ¡Si el cielo existe, se llama Perú!

Independentemente de José Luís Martinat ter concebido sua obra *El eterno retorno* baseado em experiências e relatos da diáspora peruana, tendo como epicentro três canções populares do universo musical peruano, conforme testemunham os comentários deixados nas redes sociais e no YouTube, um retorno a essas mesmas fontes visitadas por Martinat sete anos depois (em 2019) revela que a nostalgia da distância, a melancolia do exílio e do desterro parecem

se espalhar cada vez mais na vida social contemporânea, inexoravelmente pautada por trânsitos, deslocamentos e partidas. São sentimentos que se desprendem no rol dos comentários da canção *Cuando pienses en volver*, de Pedro Suarez Vertiz, no YouTube. Apenas um exemplo: “Yo la escucho desde Francia. Extraño tanto a mi país Panamá mi familia y mis amigos.”⁴

Neste sentido, a mostra *Crónicas Migrantes* (Fig. 5), sem qualquer prejuízo da assertividade política pretendida pela curadoria na articulação entre peruanos e venezuelanos em deslocamentos, em especial diante do flagelo político, econômico, financeiro e social que acomete a Venezuela nos dias presentes, trata também de certo nomadismo – para o bem e para o mal – que tem caracterizado o homem e a mulher contemporâneos em um mundo que parece encolher a cada dia!



Notas

¹ A mostra *Crónicas Migrantes. Historias comunes entre Perú y Venezuela* esteve em cartaz no MAC Lima de 12 de setembro de 2019 a 2 de fevereiro de 2020. Participaram da mostra: Miguel Aguirre (Peru), Alessandro Balteo-Yazbeck (Venezuela), Fernando “Coco” Bedoya (Peru), Lin Belaúnde (Peru), Alicia Caldera (Venezuela), Iván Candeo (Venezuela), Marylee Coll (Venezuela), C.J Chueca (Peru), Enrique Doza (Venezuela), Gabriela Gamboa (Venezuela), Gilda Mantilla (Peru) & Raimond Chaves, José Carlos Martinat (Peru), José Luis Martinat (Peru), Ana Mosquera (Venezuela), Juan José Olavarría (Venezuela), Erika Ordosgoitti (Venezuela), Andrés Pérez González (Peru), Max Provenzano (Venezuela), María Octavia Russo (Venezuela), Juan Javier Salazar (Peru), Paola Torres Núñez del Prado (Peru), Giancarlo Valverde (Peru), Teresa Mulet (Venezuela) e Julia Zurilla (Venezuela). Do Programa Público: Grupo

Gallinazo (Gonzalo Benavente, Rafael Jiménez, Juan Carlos Ortiz y Maribel Martínez), Luisa Fernanda Lindo, Emilio Santisteban e Marcos Temoche. (Informações coletadas no site do MAC Lima: <http://maclima.pe/project/cronicas-migrantes-peru-venezuela-maclima/>). A mostra *Crónicas Migrantes. Historias comunes entre Perú y Venezuela* esteve em cartaz no MAC Lima de 12 de setembro de 2019 a 2 de fevereiro de 2020.

² Os livros de artista apresentados na mostra são de autoria de Alicia Caldera, Marylee Coll, Enrique Doza, Gilda Manlitta & Raimond Chaves, José Carlos Martinat, Teresa Mulet, María Octavia Russo e Giancarlo Valverde.

³ Um vídeo com a obra *El eterno retorno* pode ser encontrado em <https://vimeo.com/178291482>

⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fOBdCuX1FyQ>

Referências

CEPAL (Comisión Económica para América Latina y el Caribe). *Observatorio Demográfico, 2018* (LC/PUB.2018/25-P). Santiago: CEPAL, 2019.

MAC Lima. *Crónicas Migrantes. Historias comunes entre Perú y Venezuela*. Lima: MAC Lima, 2019 (material não publicado, s/p.).

NAÇÕES UNIDAS (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). *Relatório de Desenvolvimento Humano 2009 - Ultrapassar barreiras: Mobilidade e desenvolvimento humanos*. Nova York; Coimbra, PNUD, 2009. Disponível em <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/idh/relatorios-de-desenvolvimento-humano/relatorio-do-desenvolvimento-humano-2009.html>

Recebido: 15/11/2019; Aprovado: 5/1/2020

Citação recomendada:

OLIVEIRA, Luiz Sérgio de. Si el cielo existe, se llama Perú. [resenha da mostra *Crónicas Migrantes. Historias comunes entre Perú y Venezuela*, MAC Lima, Peru]. *Poiésis*, Niterói, v. 21, n. 35, p. 397-408, jan./jun. 2020. [<https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i35.40482>]

Informações das imagens

- Fig. 1 - Juan José Olavarria, *Migración*, 2019. bordado sobre tela intervenida (Foto: Luiz Sérgio de Oliveira)
- Fig. 2 - Lin Belaúnde, *Paisaje migratorio*, 2018. collage digital (Foto: Luiz Sérgio de Oliveira)
- Fig. 3 - Vista parcial da exposição *Crónicas Migrantes*, MAC Lima, com os livros de artista em primeiro plano. (Foto: Luiz Sérgio de Oliveira)
- Fig. 4 - José Luís Martinat, *El eterno retorno*, 2012. instalação sonora (Foto: Luiz Sérgio de Oliveira)
- Fig. 5 - Vista parcial da exposição *Crónicas Migrantes*, MAC Lima, com a instalação sonora de José Luís Martinat ao fundo. (Foto: Divulgação, MAC Lima)

Informações da exposição

Crónicas Migrantes. Historias comunes entre Perú y Venezuela, em exposição no Museo de Arte Contemporáneo de Lima, Peru, de 12 de setembro de 2019 a 2 de fevereiro de 2020. Curadoria de Fabiola Arroyo, com obras de mais de 30 artistas peruanos e venezuelanos.

Mais informações:
<http://maclima.pe/project/cronicas-migrantes-peru-venezuela-maclima/>